

R: 2243  
CON/INT  
ETH

COLLECTION DE LA CASA DE VELÁZQUEZ

54

*Antonio*

# ETHNO-ARCHÉOLOGIE MÉDITERRANÉENNE

## Finalités, démarches et résultats

Table ronde organisée par la Casa de Velázquez,  
avec le concours de l'U.R.A. 1225 du C.N.R.S.

Actes présentés par André BAZZANA et Marie-Christine DELAIGUE

MADRID 1995



## MÉRTOLA NA ÉPOCA ISLÂMICA : O ESPAÇO DOMÉSTICO

Por Claudio TORRES

### ESPAÇO URBANO NO GARB AL ANDALUS

Os centros urbanos são marcados de forma indelével pela coabitação dos mais variados grupos étnicos e profissionais emprestando-lhes aquele carácter tão próprio da cidade andalusa. Nas alcáçovas e nos centros de decisão política movimentam-se algumas famílias que, muitas vezes sem o ser, se afirmam descendentes de aristocracias arábicas ou yemenitas e que poucas vezes devem ter saído das áreas palatinas cordovesas. O seu poder político e militar é repartido com a velha aristocracia hispano-goda, na sua maioria já perfeitamente islamizada no século X e preocupada em forjar novas genealogias filiadas em Damasco ou Bagdad, que lhes assegurem um lugar estavel entre a nova classe dirigente.

Se por urbanismo considerarmos apenas a operação de conceber a cidade, de organizar e racionalizar a sua volumetria, de traçar em linhas ortogonais a sua rede viaria, a cidade de época islâmica foi certamente a sua antítese. Porém se definirmos urbanismo como as regras e o espaço colectivo onde, em dada época ou periodo histórico, um complexo conjunto de grupos sociais se organiza para cohabitar, então com o destroçar dos exércitos romanos e da ordem que eles representavam, desvanece-se de facto um certo tipo de sistema urbano, para dar lugar a uma outra forma de conceber e viver a cidade.

Não é possível falar de um urbanismo islâmico em contraposição apenas a um unico modelo que o Renascimento italiano difundiu, em que se opõe, a clareza e verdade apolínica da linha recta ao nocturno emaranhado da intemperança. Na sociedade islâmica, como em todas as outras, são sempre os equilíbrios de poder a ditar as regras de ocupação e gestão dos espaços humanizados. Neste caso parece ter sido decisiva a presença convincente da grande familia mediterrânica,

reforçada pelo islamismo, cuja solidariedade clânica impõe as suas regras na expansão e controlo dos espaços semi-privados e seus acessos. A organização dos poderes públicos da cidade islâmica, levando mais longe as tradições autárquicas da velha *polis* mediterrânica, acenta numa flexível hierarquização de poderes urbanos, com responsabilidades distribuídas por bairros, profissões ou por comunidades étnico-religiosas. Continuadora e herdeira por excelência das tradições mercantis do mundo clássico, em que os actos e rituais do comércio se praticavam nos espaços nobres dos *ágora* e *forum* da cidade, sacralizados pela presença dos deuses, a civilização muçulmana concebe o seu local de culto como a síntese do espaço religioso com o espaço cívico do grande mercado. A mesquita muçulmana, podemos considerá-la, de certa forma, a espectacular combinação funcional e arquitectónica entre o *forum*, cujo espaço hipóstila passa a ser parcialmente recoberto e a basílica que Ihe estava anexa e que passa a integrar a linha axial do templo muçulmano, onde vai fazer sobressair o local do *mihrāb*. Desta forma, se, funcionalmente, o local e a própria mesquita continuam, como a acrópole do passado mediterrânico, a centralizar a vida cívica e mercantil da cidade, a única inovação urbanística e que marca visivelmente qualquer cidade muçulmana, será o obrigatório direccionamento da *qibla* e portanto de todo o edifício, no sentido de Meca.

A cidade mediterrânica, e portanto a cidade islâmica, devido certamente à espantosa mobilidade dos mercadores e dos seus clãs familiares, quantas vezes espalhados por vários cantos do mundo onde controlavam os seus cabedais, era um enorme mosaico de grandes e pequenos grupos familiares sempre envolvidos na complexa estrutura da família alargada, de cerrada cumplicidade, onde se mantinham, em linhas gerais, os princípios endogâmicos.

A cidade andalusa, ou mais correctamente, a cidade mediterrânica, define-se antes de tudo pelo seu anti-urbanismo clássico. Ao contrário deste, em que a régua e o esquadro são a expressão natural de um poder racional e racionalizador, o espaço urbano mediterrânico gera-se a si próprio como um corpo vivo em que os equilíbrios são orgânicos e funcionais. Quando porém, mesmo em pleno apogeu da civilização islâmica, é imposta a intervenção de um poder central com pretensões hegemónicas, seja na Bagdade abássida seja na Córdova califal, então os arquitectos retomam inevitavelmente o vocabulário da ortogonalidade. A cidade palatina de Medina al-Azahra, perto de Córdova, gizada durante o califato omíada, é o exemplo da mais geometrizada e racional ocupação do solo urbano.

Estas cidades (Córdova / Sevilha / Granada), no seu apogeu — entre os séculos IX e XII — com o refinamento da sua vida palatina e com o seu gigantismo, foram de certa forma o símbolo da civilização andalusa e marcaram o próprio imaginário do ocidente cristão, onde, nessa altura, cidades como Paris e Londres eram ainda grandes aldeias escuras e lamacentas, não chegando a atingir os 10 hectares de área urbana.

No Garb al Andalus não houve nenhuma cidade que se assemelhasse em tamanho e importância a qualquer destas capitais. E no entanto, ao contrário do que por vezes se tem afirmado sobre a sua pouca importância em época islâmica, o território da antiga Lusitânia estava servido por uma apreciável rede de cidades de tamanho intermédio, com excepção de Lisboa, que, já nessa altura, era, nitidamente, a maior cidade da região (Fig. 1).

A cidade de Lisboa dos séculos X e XI, nos seus 25.000 habitantes, foi uma cidade muito rica e próspera que parece ter sempre beneficiado de relativa ou completa autonomia. Nos seus

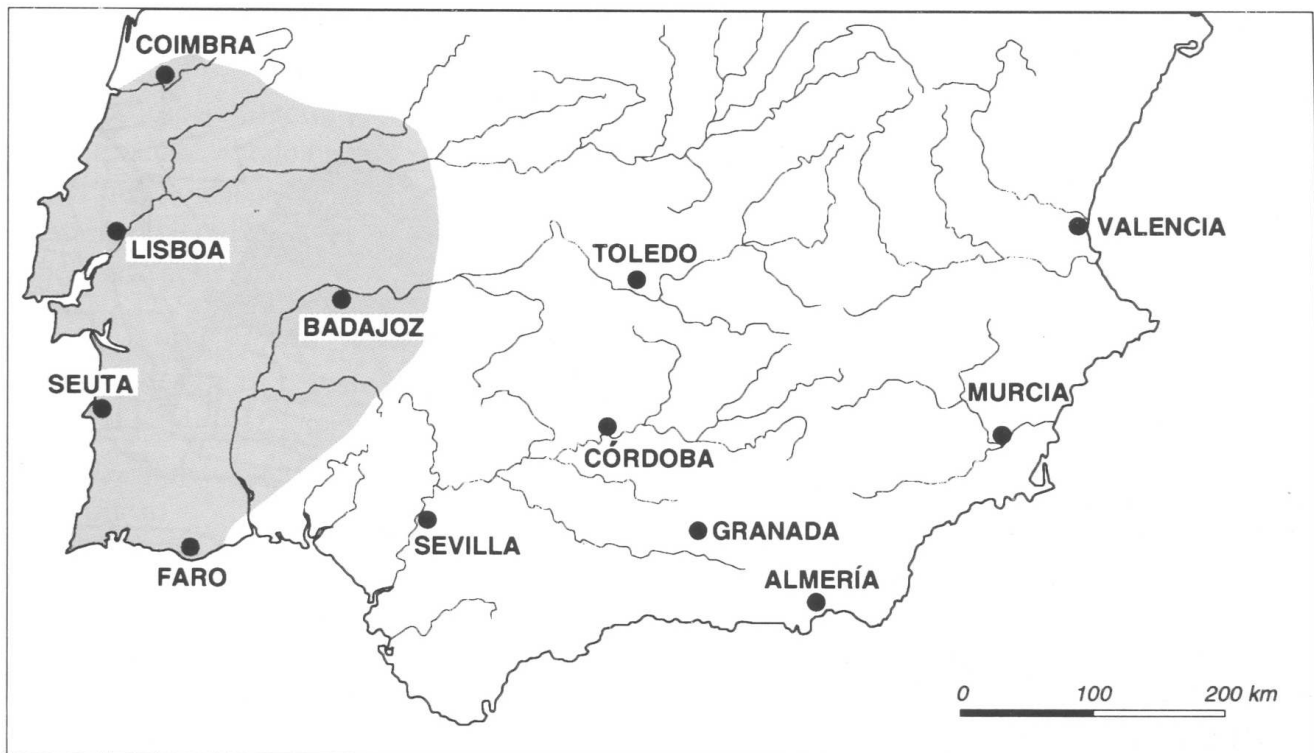


Fig. 1. Principais cidades do Andalus.

bairros, cuja estrutura labiríntica ainda hoje é perceptível, coabitavam numerosas comunidades de mercadores orientais de religião muçulmana ou judaica, assim como, tudo o leva a crêr, uma maioria moçárabe bastante islamizada mas de culto cristão, cuja presença se fez dramaticamente sentir no momento da reconquista <sup>1</sup>.

Além de Lisboa, uma dezena de cidades, de importância menor, repartiam entre si o resto do território do Garb. Entre elas destacavam-se Coimbra e Badajoz, com uma área aproximada intra-muros de 10 hectares e com uma população entre os 3 e os 5 mil habitantes.

Das restantes cidades do Garb nenhuma se destaca de forma evidente. Em função dos perímetros muralhados que naturalmente assinalam as áreas de maior continuidade habitacional e que, nesta época, são a própria essência da cidade, e sem ter em conta a precaridade dos arrabaldes, constatamos uma inesperada uniformidade desde às margens do Tejo às praias algarvias. Sempre com uma balisagem cronológica entre os séculos IX e XII estas cidades, com uma área intra-muros de 6 ou 7 hectares e 2 a 2.500 habitantes, eram cingidas por um amuralhamento cujo perímetro ronda os mil metros. Estão neste caso Santarém, Elvas, Alcácer do Sal, Évora, Beja, Aroche, Mértola, Silves e Faro.

Com cinturas fortificadas a envolver uma área habitacional inferior a 5 hectares, haveria no Garb várias outras dezenas de povoações a que uma convincente estrutura urbana permite atribuir a categoria de cidade. Entre muitas outras podemos citar os casos de Sintra, Almada, Jurumenha, Coruche, Moura, Serpa, Aljustrel, Cacela, Tavira e Loulé.

1. J.A. de Oliveira, *A conquista de Lisboa aos mouros*, Lisboa (Câmara Municipal), 1936.

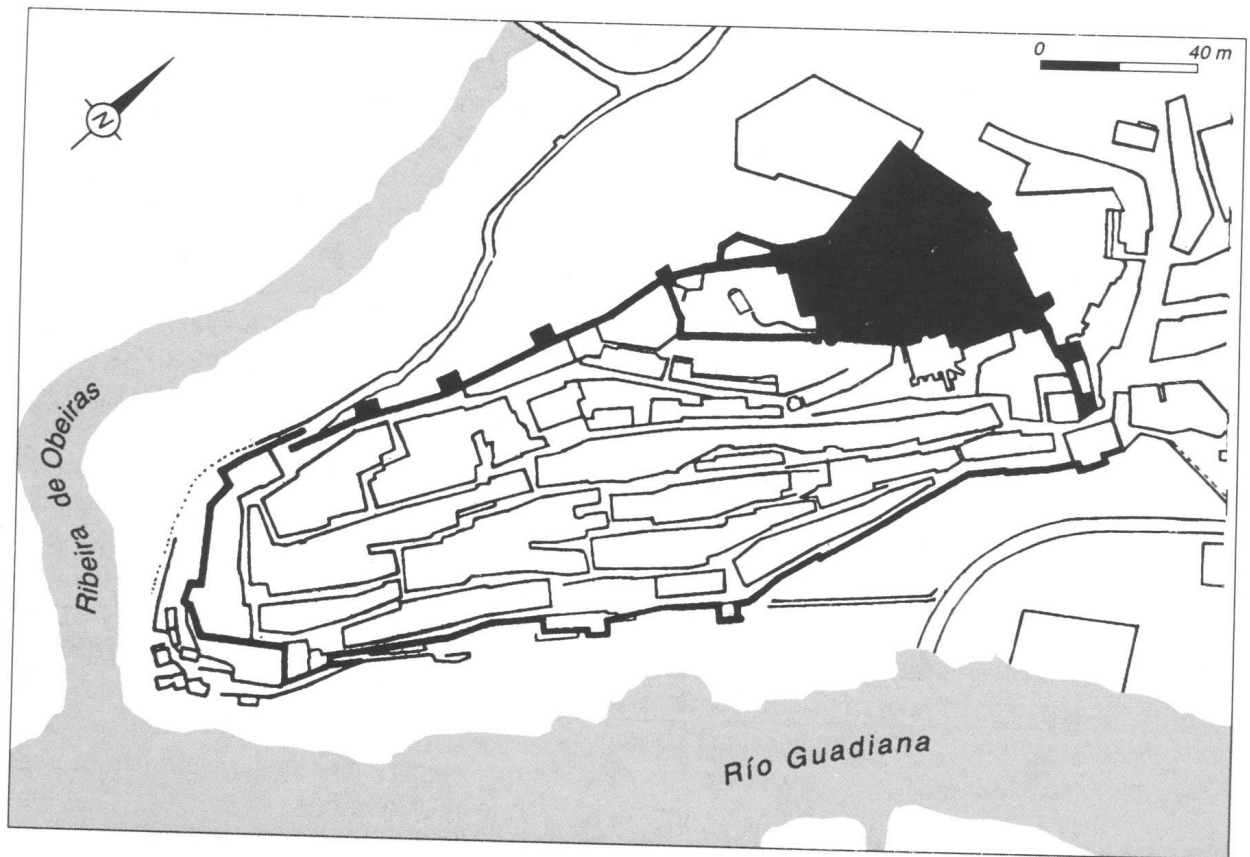


Fig. 2. Conjunto urbano de Mértola.

No Garb (excluindo Silves em que há referências literárias sobre a sua zona palatina e cuja localização deve ter coincidido com o actual castelejo completamente remodelado em época cristã e Coimbra onde os seus alicerces servem de assento á Universidade) apenas Lisboa teria possuído uma imponente alcáçova, ainda palácio real em pleno século XVI, mesmo depois de construídos os Paços da Ribeira. Obras de ajardinamento do Estado Novo acabaram por destruir o que restara do terremoto setecentista.

Á falta de documentação para as nossas cidades, os «repartimentos» de outras cidades andaluzas e especialmente o caso de Jérez de la Frontera no século XIII, prestam-nos importantes informações<sup>2</sup>. Daí sabemos que o povoamento dos bairros intra-muros desta cidade, de onde tinham sido expulsos os seus antigos habitantes, provocou readaptações mais ou menos profundas, nomeadamente na generalizada apropriação de varias pequenas habitações por uma só familia de colonos<sup>3</sup>. As obras de adaptação quebraram naturalmente antigas funcionalidades que Ihes eram desconhecidas e é criada uma outra dinâmica no relacionamento entre o público e o privado nos acessos às ruas e pequenos adarves.

2. M<sup>d</sup>. Paz Fernández, « Datos sobre la ciudad de Jérez en el Libro de Repartimiento », *Al-Qantara*, VIII, 1987, p. 119-133.

3. Segundo os repartimentos da cidade de Jérez de la Frontera : « La vivienda normal era de proporciones muy reducidas, hasta el punto de que los pertidores llaman *casas moriscas* a las casas pequeñas. Sobre un total de 2.585 inmuebles, las casas pequeñas — 627 — representan casi el 25 por ciento del total. Predominan las casas medianas (1.634, casi el 54 por ciento del total de inmuebles) y solo habia 87 casas grandes (algo mas del 3 por ciento del total) » (M. González Jiménez, « Repartimientos andaluces dei siglo XIII. Perspectivas de conjunto y problemas », *De Andalus a la sociedad feudal : los repartimientos bajomedievales*, Barcelona (C.S.I.C.), 1990, p. 111).

## UM BAIRRO ISLÂMICO NA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

O espaço intra-muros da antiga cidade islâmica do Guadiana divide-se em duas grandes zonas urbanas : o aglomerado principal, constituído pela Vila Velha e um antigo bairro anexo à alcáçova que assentava na plataforma artificial do possível *forum* romano e que foi completamente abandonado e transformado em cemitério depois da « Reconquista ». Na Vila Velha, as casas actuais, respeitando apenas o antigo traçado urbano, em nada se assemelham, na sua organização interna, às anteriores casas de época islâmica exumadas mesmo ao lado, no bairro da Alcáçova, ou em Siyāsa perto de Múrcia (Navarro, 1990, p. 177-198), em Pechina-Almeria (Galdeano, 1990, p. 111-127) ou em Valência (Pascual, 1990, p. 305-318). Mesmo ao nível do solo, todos os indícios arquitectónicos e decorativos apontam claramente para obras de raiz durante os séculos XV e XVI. Os terremotos, sempre incriminados, não foram certamente as causas principais de tão profunda reconstrução.

No bairro da Alcáçova, com programa construtivo de época almôada e abandonado durante a primeira metade do século XIII, os primeiros resultados da escavação indicam, ao contrário, tipologias comuns a todo o Andalus. É um conjunto urbano com cerca de 4.000 metros quadrados, onde estariam implantadas um pouco mais de três dezenas de habitações (Fig. 2). Foram postas a descoberto fragmentos de sete casas, uma das quais está completa e é perfeitamente legível na sua planimetria. Ainda era habitada pelo menos uma dezena de anos antes de 1238 quando os Espatarios entraram em Mértola.

Apesar de notórias diferenças sociais, nas duas porções deste bairro já conhecidas, todos os compartimentos de cada moradia se organizam em volta de um pátio mais ou menos quadrangular. É o tipo de habitação tipicamente urbana que, na sua geometria espacial e técnicas construtivas, encontramos em todas as cidades do al Andalus (Fig. 3). Em Mértola, Almeria ou Malaga, nota-se o mesmo tipo de embasamento em alvenaria sobre o qual se levantam paredes de taipa sempre com a espessura de meio metro. Os tabiques interiores em adobes, as técnicas de rebocagem e a

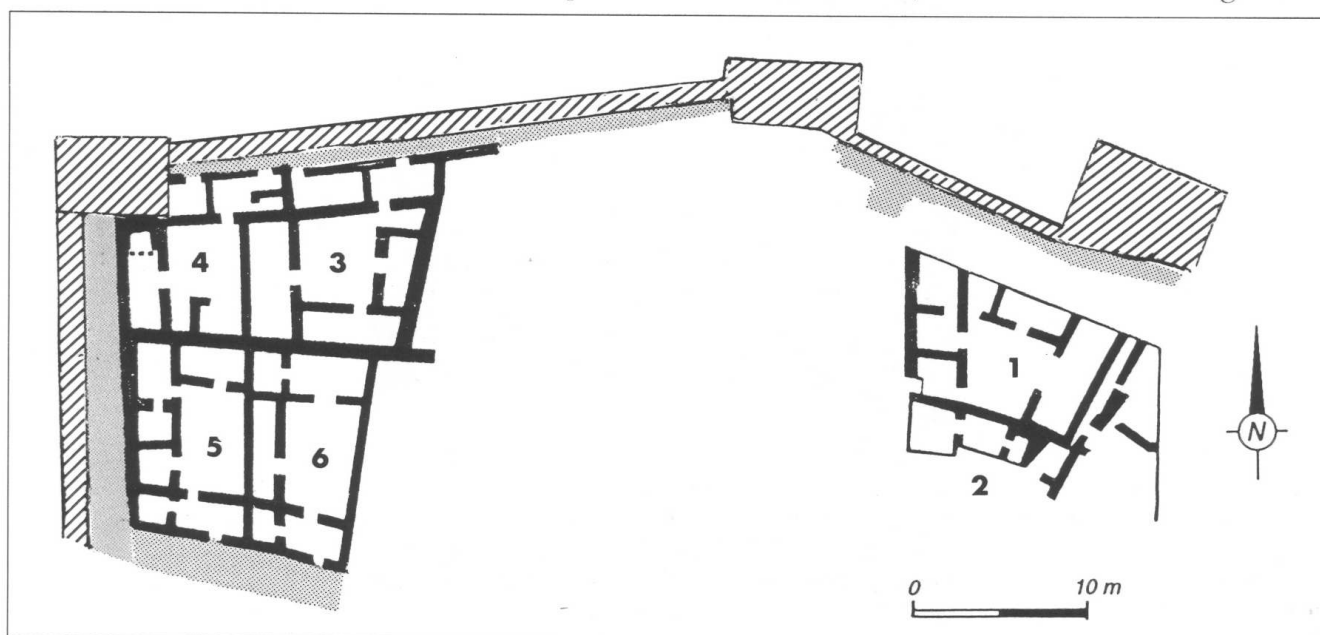


Fig. 3. Habitações escavadas da área da Alcáçova.



Fig. 4. A casa I da alcáçova de Mértola.

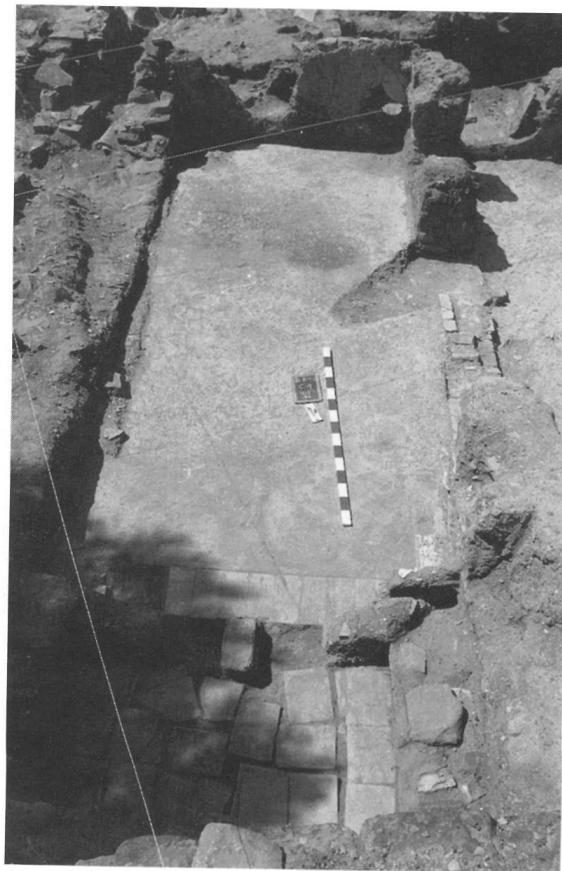


Fig. 5. Habitação de Cieza.



Fig. 6. Pátio com pavimento (Alcáçova de Mértola).

própria decoração polícroma assemelham-se nas três cidades. São habitações construídas e habitadas por uma camada social aparentemente homogênea, com interesses comuns e com frequentes contactos entre si. É um modelo de casa veiculado por todo o Mediterrâneo e que, com pequenas variações modulares, se impôs não só pela suas qualidades intrínsecas, como também pela sua elasticidade funcional.

#### A CASA 1 DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

No bairro da Alcáçova de Mértola que à data da conquista da cidade em 1238, ocupava o espaço do antigo *forum* romano e a encosta do castelo, a tipologia do habitat e as técnicas construtivas são bem características da época almoada.

A casa I da alcáçova de Mértola é a única habitação deste complexo que é, neste momento, completamente legível do ponto de vista planimétrico e para a qual se podem avançar hipóteses de utilização funcional plausíveis (Fig. 4).

A área total desta casa ronda os 70 m<sup>2</sup>, com um pátio central que ocupa uma quarta parte da sua área. Tinha-se acesso a esta casa por um pequeno adarve, de piso em terra batida. O local de entrada na casa é assinalado por um fragmento de fuste romano em mármore reutilizado como soleira de porta, prática comum nas habitações desta época da alcáçova de Mértola. A entrada da casa merecia, porém, outro tipo de atenção para além das preocupações estéticas: a meia-ferradura encontrada sob a soleira da porta remete-nos para o mundo das superstições e da protecção ao lar, prática ainda hoje corrente nesta região.

A porta dava acesso a um pequeno átrio de entrada (com cerca de 5 m<sup>2</sup>), através do qual se passava ao pátio : esquema semelhante às casas 3 e 4 de Pechina (Castillo, 1990, p. 120) ou às habitações 5 e 6 de Cieza (Navarro, 1990, p. 190-191) (Fig. 5).

O pátio tinha um pavimento em tijoleira, organizado de forma regular e ligeiramente inclinado em direcção a um tanque central. A área deste pátio — com cerca de 20 m<sup>2</sup> — é semelhante à de idêntica estrutura da casa III da alcáçova de Mértola e tem dimensões também próximas daquela que se regista noutros sítios arqueológicos peninsulares (Fig. 6).

A área considerável da casa ocupada pelo pátio permite supôr que este espaço teria uma grande importância no contexto do habitat, aí se passando parte substancial do tempo e aí se confeccionando por vezes os alimentos.

O pátio dava acesso, no lado Este a um salão principal, ao qual se acedia por uma porta mainelada por uma pilastra. Esta divisão seria, pelas suas dimensões (6 x 2 m) e pelo requinte que denota — chão argamassado e pintado com almagre — a zona nobre da habitação. Embora fosse uma área plurifuncional, era certamente nela que se acolhiam os donos da casa — a pequena alcova (2 x 1,5 m) colocada no seu topo Norte parece não deixar dúvidas a esse respeito (Fig. 7). A utilização deste tipo de estruturas parece ter sido comum nas várias habitações do bairro islâmico : temo-las também nas casas II e IV, com soluções decorativas e construtivas idênticas às deste compartimento. Do pátio tinha-se ainda acesso a outro compartimento a Norte, certamente de funções múltiplas. Nele se encontraram duas talhas de armazenamento, uma das quais para água.

Esta casa dispunha ainda de uma latrina (3,5 m<sup>2</sup>), compartimento cuidadosamente ladrilhado, no qual se entrava por uma pequena passagem em cotovelo. Os despejos eram lançados por uma estreita fenda aberta no pavimento (Fig. 8). Ao contrário da latrina da casa V, que dava acesso directo a uma fossa escavada sob a calçada da rua, esta abertura está ligada a um complexo sistema de canalizações que percorre o sub-solo das casas I e II e segue para o exterior da muralha. O seu cano principal cruza na diagonal o pátio da casa I onde recolhia o excesso de águas do pequeno tanque central e os resíduos líquidos provenientes de um possível estábulo anexo (Fig. 9).

Entra-se finalmente na última porta que do espaço central acede ao compartimento duplo ladrilhado da cozinha, o qual tem cerca de 11,5 m<sup>2</sup>. As dimensões apreciáveis deste compartimento não são, certamente, dissociáveis da sua importância no contexto da habitação no seu todo.

Todos os compartimentos eram cobertos por telhados de uma só água que vertiam para o pátio. Todas as paredes exteriores nas quais se incluem naturalmente as que rodeiam o pátio têm alvenaria de barro até 70 cm do solo. A partir dessa altura e depois de um ligeiro estreitamento em ressalto, as paredes passam a ser construídas em terra apisoada (*taipa*) com uma largura uniforme de 50 cm ou seja, o equivalente ao *côvado* classico (Fig. 10).

As paredes interiores, quando não têm função portante, são construídas em tijolos crus e secos ao sol (*adobes*) de 15 x 15 x 6 cm. Ao contrário da *taipa* que embora bem apisoada, é constituída por terra pouco seleccionada, os *adobes* são fabricados de argila bem depurada. Todas as paredes de alvenaria, *taipa* ou *adobe*, eram rebocadas directamente com um barro mais fino sobre o qual depois de seco, era aplicado um revestimento de cal e areia fina. Esta argamassa era muitas vezes golpeada à colher com pequenos sulcos oblíquos de forma a servir de suporte à última pelí-

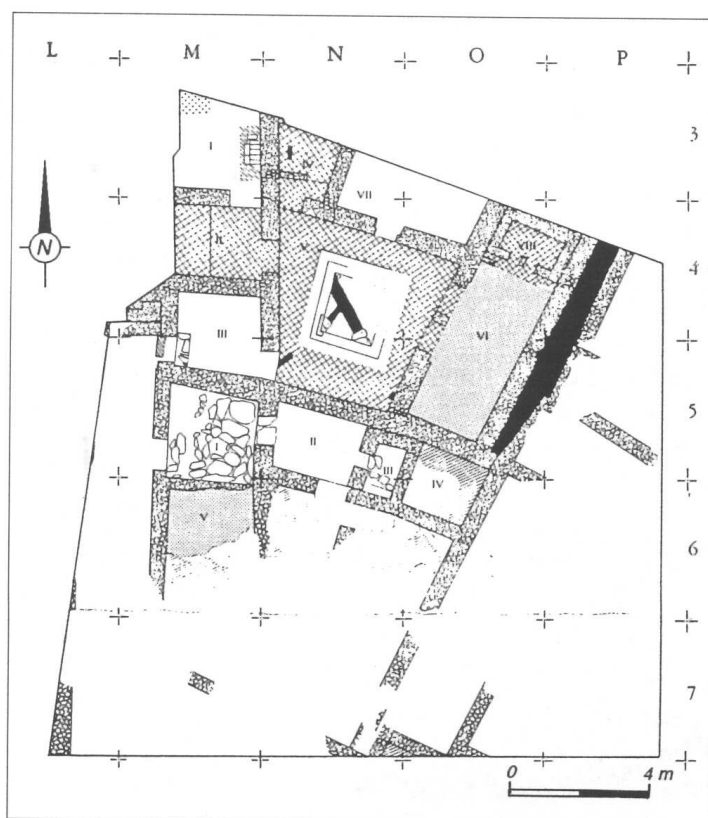


Fig. 7. Plano duma área habitacional.



Fig. 8. Latrina e fenda de canalizações no pavimento.



Fig. 9. Latrina.



Fig. 10. Paredes em taipa e alvenaria.

cula de revestimento com uma espessura de 4 mm em média, constituída por cal e gesso. Este estuque macio era pintado com uma aguada vermelha de *almagre* segundo motivos rectilíneos ao longo do roda-pé.

A família extensa urbana exige constantes adaptações, não só na casa propriamente dita, como principalmente na célula urbana em que está inserida e que vulgarmente é servida por uma pequena rua privada (*darb*), para onde abrem outras habitações que, teoricamente, pertencem ao mesmo clã familiar. Cada casa parte de um conjunto solidário, com alguns serviços comuns como o forno, esgotos e fossas e com uma área útil entre os 80 e os 200 m<sup>2</sup>. Têm capacidade para ser portadoras de sub-nucleos familiares de 8 a 10 pessoas.

Esta casa urbana tradicional parece contudo ter desaparecido das nossas cidades, onde apenas restam alguns vestígios nos espaços públicos e semi-privados dos logradouros. Os modelos áulicos, ou de famílias mais abastadas, prolongaram-se nas formas arquitecturais e decorativas « *mudéjars* », que vão marcar um estilo, não só no sul, como em toda uma época. A destruição do equilíbrio familiar mediterrânico durante a « Reconquista », deve ter sido fatal para a compreensão e sobrevivência daquele espaço fresco e recatado que afinal era o espaço por excelência da mulher.

Os espaços interiores desta casa mediterrânica estavam feitos à medida da mulher e adaptam-se perfeitamente às suas necessidades. O homem vem raras vezes, quando não é só para dormir e se alguém o acompanha é certamente da família. Ela é também, quase sempre, a única esposa, pois o sustento de várias é um luxo das classes mais abastadas, o que não impede que a população feminina no interior da casa, seja considerável : a sogra, se existe, algumas cunhadas e as filhas.

Em prateleiras da cozinha, escavadas nas grossas paredes de taipa, é guardada toda a louça necessária à elaboração dos alimentos, e também os artefactos necessários ao seu consumo. Lá vamos encontrar, entre a louça enegrecida pelo fogo, vários tipos de panelas de barro grosseiro e resistente, cujo único ponto comum é o facto de terem sempre o fundo convexo para melhor se aconchegar ao borrhão, e onde são cozinhadas praticamente todas as refeições (Fig. 11). Os alimentos são longa e lentamente cozidos, inclusive os ossos, para deles ser extraído o máximo de benefício. Aliás, estes cozidos ou guizados, equivalentes à *tagine* actual norteafricana, onde nunca falta grão de bico, fava ou lentilhas e abundante quantidade de legumes da época, foram certamente o alimento mais comum de todos os dias. Em épocas festivas, o seu conteúdo seria melhorado adicionando-lhe alguma carne de borrego ou carneiro, que era de longe a mais apreciada, ou na sua falta, de coelho ou galinha. As panelas apropriadas para este cozinhado tinham uma boca mais larga cuja tampa perfurada permitia uma lenta saída do vapor (Fig. 12). O caldo da cozedura era muitas vezes acrescentado para elaborar uma outra comida popular e ainda hoje muito comum no Alentejo que é a *açorda*. Era então chamada de *tarid* ou *tarida* e preparava-se com pedaços de pão migados num caldo mais ou menos enriquecido com gorduras animais ou simplesmente com azeite e ervas aromáticas (García Sánchez, 1981, p. 169). Utilizando também o pão como base e a frigideira como recipiente, elaborava-se a *harisa* — equivalente às *migas* actuais — em que pedaços de pão eram amassados com carne picada e gordura para serem fritos em azeite (García Gómez, 1981, p. 137). Desta dieta alimentar ficou-nos também uma teimosa tradição na nomenclatura de vários petiscos, os *acepipes* (do árabe *al-zabid*) que passam, por exemplo, pelo saboroso *escabeche* (do árabe *sik-bay*) e pelas condimentadas *almôndegas* (*al-bandaqa* em árabe).

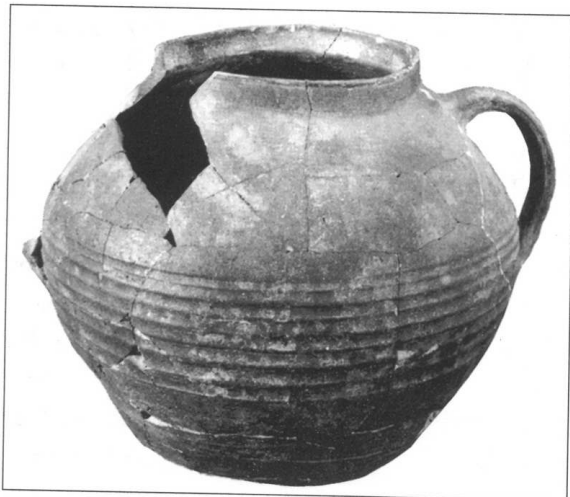


Fig. 11. Tipo de panela com fundo convexo.

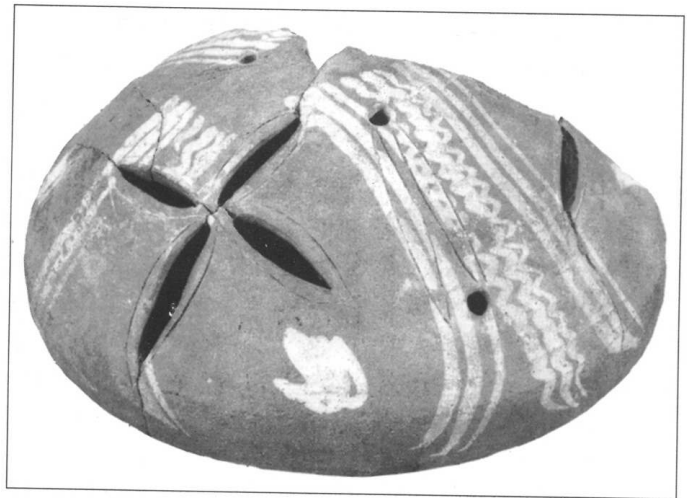


Fig. 12. Panela de cozer decorada.

Para comer, havia sempre várias tigelas vidradas, maiores ou menores conforme fosse o número de convivas. Porém uma apenas era colocada ante os comensais sobre uma esteira ou manta e dela todos comiam segundo a ordem hierárquica da família. O local da refeição seria o pátio, onde muitas vezes também se cozinhava em fogareiro. Mesmo nos meios mais pobres, como a casa serrana, seria utilizada uma colher talhada em madeira. Para beber não havia recipientes individuais. Uma bilha de pitorro ou biqueira circulava de mão em mão.

Finalmente, colocados em pequenos nichos de parede e sempre prontos a ser levados para qualquer recanto mais escuro, brilham à noite um ou dois candis de azeite com o seu longo bico característico e que sempre aparecem em qualquer assentamento humano dessa época.

Quanto ao mobiliário, este difere profundamente do rural, tanto na quantidade como na qualidade. O aspecto geral da casa é também outro devido ao cuidado com os revestimentos de solo, em que entra uma sólida argamassa pintada de vermelho, ou uma geométrica e bem alinhada ladrilhagem. O chão bem cuidado, ao rez do qual a vida se processa, é o espelho da mulher. As paredes, interiores e exteriores são todas caiadas e por vezes com alguma decoração pintada nos lambris e rodapés. As cortinas em tecidos finos e coloridos, separam a sala das alcovas onde um leito assente em pequenos arcos de alvenaria permite um novo conforto. As louças e artefactos domésticos atingem no al Andalus, nomeadamente durante o século XII, uma enorme variedade funcional e decorativa que marca durante varios séculos toda a produção artesanal do Ocidente mediterrânico.

#### A CASA URBANA E A RURAL

Uma visão rápida sobre a casa tradicional no norte e no sul do país permite-nos imediatamente constatar que os modelos meridionais coincidem com o antigo Garb al Andalus. Contudo além de permanentes e sucessivas influências mediterrânicas, não podemos esquecer os factores geo-climáticos que, afinal, foram inicialmente os que mais contribuíram para a delimitação das áreas culturais.

Ao contrário da casa urbana, acentua-se na casa rural uma certa mobilidade, onde também é mais complexa a polivalência dos seus espaços e compartimentos. A habitação rural do interior da Serra Algarvia, como certamente qualquer outro assentamento arcaico do interior meridional, é constituída por vários módulos pluricelulares que, de uma forma geral, tendem a ordenar-se em volta de um espaço grosseiramente rectangular, envolvendo-o por dois ou três dos seus lados. A porta de entrada liga directamente a rua com o pátio-cerca e os compartimentos oblongos que o rodeiam parcialmente, abrem para este através de um único vão. O facto das escavações em curso no povoado abandonado de Alcaria Longa, no termo de Mértola, terem mostrado em vários compartimentos da mesma casa, restos de lareira, comprova a multipla utilização dos módulos habitacionais <sup>4</sup> (Fig. 13). Através de informações recolhidas durante um levantamento etno-arqueológico a decorrer na sub região montanhosa de Mértola, foi constatada a permanência do mesmo fenómeno de polivalência funcional da casa. A própria cozinha, aparentemente condenada a uma maior estabilidade, mudara três vezes de local durante a vida de duas gerações, estando presente esse facto na memória actual dos locatarios da casa. O elemento perturbador foi sempre, sintomaticamente, o casamento de um dos membros do clã familiar.

Temos assim nas zonas de interior, ou mais acidentadas e de difícil acesso, uma casa rural extremamente conservadora, pois a sua tipologia parece emergir de tempos pré-romanos, com prolongamentos pertinazes até a actualidade. É uma casa com paralelos no Oriente (*Shark*) do al Andalus, nas serras de Toledo e nas zonas de povoamento berbere da Argélia (Bazzana, 1990, p. 247 ; Cressier, 1990, p. 229 ; Izquierdo, 1990, p. 147-162 ; Fentress, 1990, p. 163-176).

A casa urbana e a casa rural, naquilo que têm de comum e na sua disparidade, reflectem os dois modelos em que se movimenta a família andalusa e portanto também da mulher. Não é possível para o al Andalus como para qualquer outra sociedade desta complexidade, falar apenas na mulher em abstracto quando esta se integra organicamente nos seus variados grupos e camadas sociais.

No âmbito do modelo rural haverá o sub-grupo das comunidades mais arcaicas, agro-pastoris, que poderemos aqui fazer representar por Alcaria Longa, no concelho de Mértola. É um dos poucos exemplos conhecidos em território português, de um povoado deste tipo e que deixa de ser habitado comprovadamente na segunda metade do século XI. Neste tipo de comunidade familiar, fortemente patrilinear e certamente com hábitos endogâmicos, a mulher, além do controlo estrito sobre a casa, local tradicional de exercício do seu poder, interfere também de certa forma no espaço público exterior. Além de compartilhadas ou mesmo exclusivas responsabilidades agrícolas nas pequenas hortas e almuinhas, pertença da família, assume sazonalmente um papel de maior relevo durante os meses de transumância em que os homens partiram com o gado. É uma mulher habituada aos trabalhos mais rudes e que, quando viúva, assume plenamente a direcção da casa. Esta habitação, com as suas multiplas dependências à volta do cercado, é uma pequena mas poderosa máquina de produção que contribui de forma considerável para a economia familiar.

---

4. Este sítio arqueológico, da maior importância para conhecer o povoamento rural do Garb al Andalus, e que não tem ocupação humana posterior ao século XI, está a ser submetido a um projecto de investigação arqueológica da responsabilidade do Campo Arqueologico de Mértola e da Universidade de Novo México dos EUA (Boone, 1992).

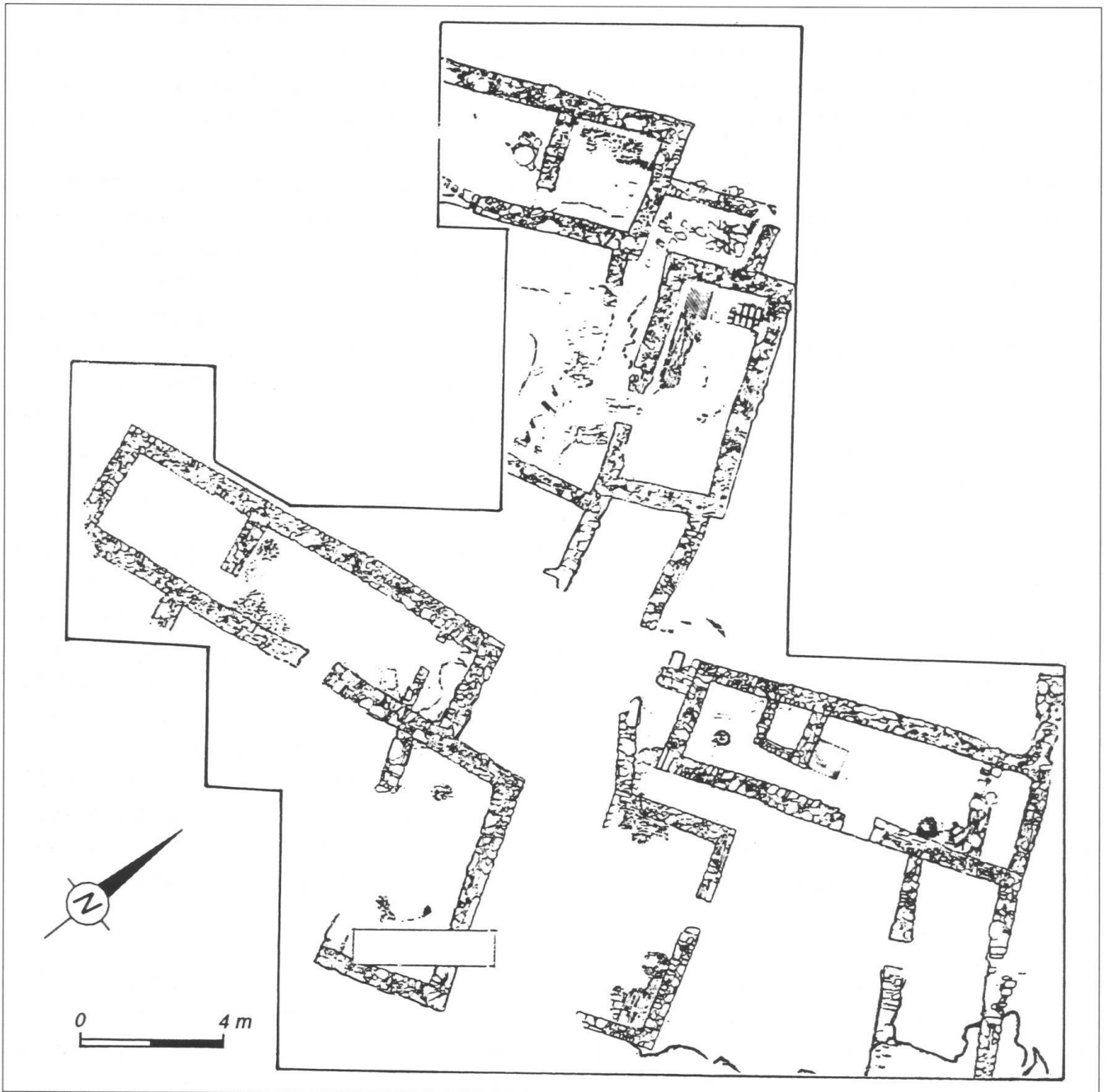


Fig. 13. Casas rurais de Alcaria Longa.

O outro sub grupo do modelo rural será representado por uma família, talvez mais pequena que a anterior, e que se dedica exclusivamente ao amanho da terra. Habita em pequenos povoados de meia dúzia de casas instaladas a maior parte das vezes sobre as ruínas de uma antiga *villa* romana, facto aliás muito comum no Alentejo e no barrocal algarvio. As boas terras de cultivo que rodeiam o povoado e que justificaram a implantação da antiga *villa*, pertencem, certamente, a algum rico e abastado comerciante que vive na cidade e que manteria os homens do aldeamento como seus assalariados. A sistemática e apressada busca dos níveis arqueológicos de época romana, fez com que este tipo de assentamento rural seja hoje ainda quase desconhecido. Sabe-se da sua existência pelo facto de quase todas as *villae* romanas escavadas, apresentarem os seus pavimentos perforados de silos para armazenamento de cereais sempre associados a restos materiais de época islâmica.

Estes camponeses assalariados, tal como os seus congéneres serranos, falam dialectos romances e os seus deuses são certamente os mesmos do antigo panteão rural paleocristão embora envolvidos em certos rituais islamizados pelo calendário lunar. Apesar de neste caso haver uma maior aproximação e dependência dos mercados urbanos, com completa integração nos seus circuitos monetários, a mulher continua a tecer e a confeccionar a maior parte das roupas familiares e a proceder às mesmas operações de conservação de alimentos. A proximidade dos mercados urbanos nota-se principalmente numa maior variedade de artefactos, se a compararmos com a extrema austeridade e auto-suficiência da casa serrana, onde é comum que as poucas moedas exumadas tenham tido apenas funções decorativas ou simbólicas. As moedas de prata islâmicas tinham dois furos com o objectivo certamente de serem cosidas em peças de vestuário, talvez para completar o dote de uma moça casadoira. No entanto, mesmo nestes povoados aparentemente afastados de qualquer contacto com a cidade, há sempre uma percentagem, embora pequena, de artefactos veiculados pelos circuitos comerciais. No caso de Alcaria Longa, as peças importadas são quase exclusivamente as conhecidas tigelas vidradas que se encontram nos níveis de época califal e taifas e por todo o território do al Andalus (Boone, 1992).

Nestes dois tipos de casa camponesa, o seu mobiliário, quase exclusivo, é constituído por dezenas de potes e talhas de todos os tamanhos encostados às paredes ou então, os mais pequenos, pendurados dos barrotes do telhado ou de vários paus que saem das paredes, aproveitando os orifícios deixados pelas agulhas dos taipais. Lá se conservam as gorduras e manteigas, fora do alcance dos ratos, assim como o figo, a ameixa e a uva passa. Em potes maiores, são guardados a azeitona, o grão de bico, a fava e vários tipos de farinha. Em grandes talhas é armazenado o azeite, o vinagre, o mel e principalmente a água que era mantida fresca nas peças mais decoradas expostas em lugar de destaque. E na cozinha a quantidade destes recipientes é ainda maior. No chão de terra batida apenas há espaço para uma pequena molineta, para um ou dois alguidares e, naturalmente para a lareira. O fogo arde sobre alguns tijolos em assentamento irregular, ou numa pequena fossa argamassada que serve também para cozer o pão-de-cinza, muito usado, mesmo na cidade, pelas camadas mais pobres (García Sánchez, 1981, p. 150).

Não existe qualquer móvel de madeira, seja armário, mesa ou cadeira. Todos os objectos de trabalho estão pousados no chão onde são manipulados pelas mulheres sentadas sobre os calcanhares ou em simples esteiras de palmito. Há por vezes banquetas ou piais de alvenaria, embora sejam mais comuns no pátio e mesmo no exterior da casa, junto da porta de entrada.

Para dormir, embora seja de admitir alguma mobilidade, que incluía certamente o pátio como local preferido de verão, haveria alguns locais fixos nos topos dos compartimentos oblongos. Sem qualquer indício arqueológico no caso de Alcaria Longa, é provável que uma pele de carneiro ou uma manta de lã azeitada, como era até há pouco tradição da serra, marcasse o local da alcova.